



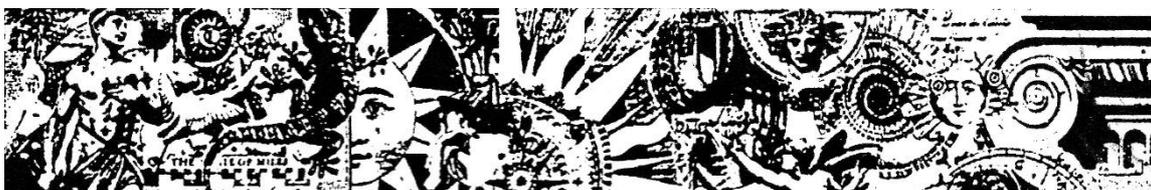
GEOGRAFIA DA MÚSICA: UM BALANÇO DE TRINTA ANOS DE PESQUISAS NO BRASIL

■ LUCAS MANASSI PANITZ

Doutor em Geografia. Docente na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: lucas.panitz@ufrgs.br

Recebido em: 03/06/2021

Aprovado em: 16/11/2021



Resumo: A geografia da música se constituiu nas últimas décadas como um promissor campo de pesquisas nos países do norte global, e mais recentemente no Brasil, contribuindo para a compreensão das relações entre espaço e cultura. Neste texto vou abordar o tema por três eixos. O primeiro trata de um breve histórico do desenvolvimento desse campo na passagem dos séculos XIX e XX a partir de geógrafos e etnólogos. O segundo trata especificamente das geografias anglófona e francófona e seus principais autores. Por fim, o terceiro eixo traz uma revisão dos trinta anos de pesquisa sobre geografia da música no Brasil, expondo a diversidade de abordagens teóricas e interesses. Os dados levantados revelam mais setenta teses e dissertações defendidas, organização de coletâneas, dossiês em revistas científicas e eventos, evidenciando uma recente institucionalização desse campo na ciência geográfica brasileira. Neste sentido, argumento que a geografia tem contribuído para os estudos da música ao registrar e analisar a sociedade brasileira e sua música na perspectiva de sua espacialidade

Palavras-Chave: Geografia cultural; Música; Geografia da Música; Geografia brasileira.

GEOGRAFÍA DE LA MÚSICA: UN BALANCE DE LOS TREINTA AÑOS DE INVESTIGACIONES EN BRASIL

RESUMEN: LA GEOGRAFÍA DE LA MÚSICA SE HA CONSTITUÍDO EN LAS ÚLTIMAS DÉCADAS COMO UN NUEVO CAMPO DE INVESTIGACIONES EN LOS PAÍSES DEL NORTE GLOBAL, Y MÁS RECIENTEMENTE EN BRASIL, CONTRIBUYENDO PARA LA COMPRENSIÓN DE LAS RELACIONES ENTRE ESPACIO Y CULTURA. EN ESTE ARTÍCULO PLANTEO EL TEMA POR TRES EJES. EL

PRIMERO TRATA DE UN BREVE HISTÓRICO DEL DESARROLLO DE ESE CAMPO EN LA TRANSICIÓN DE LOS SIGLOS XIX Y XX. EL SEGUNDO TRATA DE LAS GEOGRAFÍAS ANGLÓFONA Y FRANCÓFONA Y SUS PRINCIPALES AUTORES. POR FIN, EL TERCER EJE TRAE UNA REVISIÓN DE LOS TREINTA AÑOS DE INVESTIGACIÓN SOBRE GEOGRAFÍA DE LA MÚSICA EN BRASIL, CON SU DIVERSIDAD DE ABORDAJES TEÓRICOS E INTERÉS. LOS DATOS REVELAN UNAS SETENTA TESINAS Y TÉSIS DEFENDIDAS, ORGANIZACIÓN DE LIBROS, NÚMEROS ESPECIALES EN REVISTAS CIENTÍFICAS Y EVENTOS QUE EVIDENCIAN UNA RECIENTE INSTITUCIONALIZACIÓN DE ESE CAMPO EN LA CIENCIA GEOGRÁFICA BRASILEÑA. EN ESTE SENTIDO, SE VE QUE LA GEOGRAFÍA HA CONTRIBUIDO PARA LOS ESTUDIOS DE LA MÚSICA AL REGISTRAR Y ANALIZAR LA SOCIEDAD BRASILEÑA Y SU MÚSICA DESDE LA PERSPECTIVA DE SU ESPACIALIDAD. **PALABRAS CLAVE:** GEOGRAFÍA CULTURAL; MÚSICA; GEOGRAFÍA DE LA MÚSICA; GEOGRAFÍA BRASILEÑA.

MUSIC GEOGRAPHY: A BALANCE OF THIRTY YEARS OF RESEARCH IN BRAZIL

ABSTRACT: THE GEOGRAPHY OF MUSIC HAS BEEN CONSTITUTED IN RECENT DECADES AS A PROMISING FIELD OF RESEARCH IN THE COUNTRIES OF THE GLOBAL NORTH, AND MORE RECENTLY IN BRAZIL, CONTRIBUTING TO THE UNDERSTANDING OF THE RELATIONSHIP BETWEEN SPACE AND CULTURE. I WILL DEVELOP THIS THEME ALONG THREE AXES. THE FIRST BRINGS A BRIEF HISTORY OF THE DEVELOPMENT OF THIS FIELD AT THE TURN OF THE 19TH AND 20TH CENTURIES FROM GEOGRAPHERS AND ETHNOLOGISTS. THE SECOND FOCUSES SPECIFICALLY ON ANGLOPHONE AND FRANCOPHONE GEOGRAPHIES AND THEIR MAIN AUTHORS. FINALLY, THE THIRD AXIS BRINGS A REVIEW OF THIRTY YEARS OF RESEARCH ON THE GEOGRAPHY OF MUSIC IN BRAZIL, EXPOSING THE DIVERSITY OF THEORETICAL APPROACHES AND INTERESTS. THE ANALYZED DATA REVEAL MORE THAN SEVENTY THESES AND DISSERTATIONS PUBLISHED, ORGANIZATION OF BOOKS AND SPECIAL ISSUES IN SCIENTIFIC JOURNALS AND EVENTS, EVIDENCING A RECENT INSTITUTIONALIZATION OF THIS FIELD IN BRAZILIAN GEOGRAPHIC SCIENCE. IN THIS SENSE, I ARGUE THAT GEOGRAPHY HAS CONTRIBUTED TO THE STUDIES OF MUSIC BY RECORDING AND ANALYZING BRAZILIAN SOCIETY AND ITS MUSIC FROM THE PERSPECTIVE OF ITS SPATIALITY.

KEYWORDS: CULTURAL GEOGRAPHY; MUSIC; MUSIC GEOGRAPHY; BRAZILIAN GEOGRAPHY.

Introdução

A música tornou-se um interesse manifesto para as geógrafas/os do Brasil há exatos trinta anos. O trabalho pioneiro de João Baptista Ferreira de Mello inaugura um campo de pesquisa que tem se consolidado de forma rápida e profícua, calcado na análise da diversidade e da espacialidade musical brasileira. Neste artigo, atualizo o texto redigido há dez anos atrás (Panitz, 2012), realizando um balanço dos trinta anos da geografia da música no país. Para tanto, apresentarei de maneira breve um histórico do desenvolvimento da deste campo em âmbito mundial, localizando tempos-espacos significativos. Na seção seguinte o foco será o desenvolvimento da pesquisa no Brasil, evidenciando a pluralidade de temáticas e abordagens teóricas. Importante alertar às

leitoras/es que nomearei como "geografia da música" aquele conjunto de trabalhos que consideram - cada um à sua maneira - a música como objeto de estudo pela geografia. Se trata de uma geografia do objeto e não uma geografia adjetivada (crítica, cultural, urbana, agrária etc.). Isso nos permite englobar as diferentes perspectivas teórico-metodológicas envolvidas e centrarmos nosso interesse na música como escolha de pesquisa.

Um Histórico da Geografia da Música

A gênese do interesse que vincula música e espaço está em uma relação entre a geografia, a etnologia e a arqueologia ao final do século XIX. Exclusivamente no campo da geografia, a música, entre idas e vindas, tem chamado atenção das/os geógrafas/os há praticamente um século, embora não possamos ainda comparar com o volume de trabalhos realizados por outras ciências humanas e sociais como antropologia, história, sociologia e estudos culturais. Nos últimos trinta anos, contudo, percebe-se que ela tem se tornado um interesse recorrente, trazendo contribuições para o próprio desenvolvimento da ciência geográfica. Uma profusão de materiais disponíveis em formato digital, permite que se reconheça esse campo e alguns de seus principais espaços de produção acadêmica, como os Estados Unidos, a Inglaterra, a França e mais recentemente o Brasil. Este último, nas últimas três décadas, acumulou dezenas de artigos, coletâneas, trabalhos monográficos (teses, dissertações) e espaços de debates especializados. Neste sentido, apresento um panorama global destas pesquisas, com foco no desenvolvimento particular do Brasil na institucionalização da geografia da música como um campo de estudos emergente, marcado pela diversidade de abordagens e pela valorização da diversidade musical do país.

As raízes da discussão na Alemanha e na França

Os primeiros registros que relacionam o estudo da dimensão espacial da música podem ser atribuídos à Friedrich Ratzel e seu discípulo Leo Frobenius, etnólogo e arqueólogo africanista. Reynoso (2006) afirma que Ratzel, atento aos indícios da cultura material e sua difusão, observou similaridades entre a morfologia dos arcos e flechas da África Ocidental e da Melanésia. Frobenius levou a perspectiva adiante, relacionando

similaridades entre os tambores, levando-o ao desenvolvimento da noção de Círculos Culturais (*Kulturkreis*) compartilhada com os etnologistas austríacos Fritz Graebner e Wilhelm Schmidt - todos estes influenciados pelo difusionismo de Ratzel. Partindo dessa noção, a partir do estudo da distribuição espacial de instrumentos musicais, entre outros procedimentos, Frobenius estabeleceu regionalizações na África que remetem aos ciclos de difusão de etnias, propondo, por exemplo, a seguinte divisão e seus respectivos instrumentos: Negrítico (madeiras de ritmo, como clave e reco-reco), Malaio-Negrítico (alaúde de bambu, tambor, timbal de madeira, marimba), Indo-Negrítico (violino, guitarra, tambor de cerâmica, timbal de ferro, tamborim) e Semítico-Negrítico (berimbau, gora, tambor de morteiro, tambor de vaso). Ao estabelecer áreas culturais com base na ocorrência espacial dos instrumentos musicais na África, Leo Frobenius pode ser considerado o primeiro sistematizador da relação espaço e música, que irá influenciar toda uma geração de etnólogos e musicologistas. Na busca de uma possível gênese do interesse da Geografia moderna pela música, até o presente momento encontramos em Ratzel o princípio inspirador, bem como em Frobenius o desenvolvimento teórico e empírico deste princípio.

É importante lembrar que a noção de círculos culturais postulava que todas as inovações partiam de um certo número de civilizações para se difundir pelo resto do globo, o que foi posteriormente criticado pelo antropólogo (e geógrafo) alemão Franz Boas. Este dizia que haveria uma multi-determinação dos traços culturais e que certas inovações poderiam surgir concomitantemente em diferentes lugares. Tal ambiente de discussões e revisões sobre os preceitos difusionistas e de migrações influenciaram diretamente a Antropologia e a Geografia Cultural norte-americanas. A partir da Universidade de Berkeley, o geógrafo Carl Sauer colabora frequentemente com Alfred Kroeber (ex-aluno de Boas na Universidade de Columbia) no desenvolvimento do conceito de área cultural como recortes espaciais estáveis e de longa permanência (Kroeber, 1939). Por sua vez, alguns discípulos de Sauer e de sua geografia cultural, foram aqueles que desenvolveram a perspectiva difusionista no estudo geográfico da música. Neste sentido, é explícita uma das vias de influência da antropologia e geografia alemãs nos Estados Unidos.

Ainda nas duas primeiras décadas do século XX, na França, o etnólogo e geógrafo Georges de Gironcourt propõe um novo campo de estudos denominado "geografia musical" nos *Annales de Géographie* da Associação Francesa de Geografia (Gironcourt, 1927), tendo realizado diversos estudos na Tunísia, Java e Camboja. O autor afirma que

“pode-se admitir que o repertório de sons eles mesmos e de suas associações em combinações musicais foram até agora negligenciados pelos geógrafos.” (p. 292). Segundo o autor, a geografia musical deveria se debruçar sobre as formas musicais através do espaço e do tempo, permitindo analisar a fixação e a mobilidade de sociedades e civilizações. A simples introdução, por exemplo, de certo tipo de sino em uma banda de jazz norte-americana, pode dar informações importantes sobre a origem étnica e geográfica de determinados grupos, mas também de instrumentos e formas musicais que vão se transformando e se adaptando a cada sociedade em que são inseridos. É assim que, em trabalho posterior, Gironcourt (1939) expõe alguns dos resultados pessoais coletados ao longo de doze anos dedicados ao tema. No referido texto, o autor afirma através de diversos estudos que é possível recompor a mobilidade de populações e suas origens através das formas musicais. Estas, segundo ele, permanecem no tempo e no espaço ao longo da história humana ou se modificam levando algumas características pretéritas para outros lugares: ou seja, há um caráter de fixidez e um caráter de mobilidade dos grupos humanos os quais podem ser estudados através da música. Se para Frobenius, portanto, as indagações de pesquisa partiam de uma dimensão difusionista da cultura material, Gironcourt se interessava sobretudo pelas formas imateriais como os ritmos, as harmonias e as melodias, em uma análise que liga o passado ao presente.

Após as publicações de Gironcourt, ao final da década de 1930, a geografia francesa permaneceu distante do tema, até que grupos de geógrafos retomaram seu interesse a partir da década de 1990 de forma mais sistemática, como veremos a seguir.

Da Escola de Berkeley à geografia social e cultural francesa

Nash & Carney (1996), dois dos principais precursores do tema na América do Norte, fazem um retrospecto das últimas três décadas de trabalhos na área, no mundo anglófono. Os autores ainda avaliam que desde a década de 1960 até 1996, mais de quarenta artigos haviam sido publicados em revistas internacionais e nacionais e quase o mesmo número de *papers* sobre o tema foram apresentados em encontros de geografia e ciências humanas. Eles ainda atribuem à conferência “*The Place of Music*” organizado pelo Instituto de Geógrafos Britânicos e as sessões especiais de geografia da música na Associação de Geógrafos Americanos, ambos realizados na primeira metade da década de 1990, como notáveis indícios da credibilidade da disciplina, considerada pelos mesmos com um subcampo da geografia cultural. Essa credibilidade, segundo os autores, também

foi corroborada pelas citações dos pesquisadores da área em atlas, enciclopédias, bibliografias, livros-textos de geografia humana e livros acadêmicos. Eles observam ainda que geógrafos anglófonos (sobretudo estadunidenses e canadenses), influenciados pela Geografia cultural da Escola de Berkeley, focaram-se boa parte das pesquisas na descrição das representações espaciais nas canções, nas análises locais e de difusão de ritmos, instrumentos e práticas musicais, e na regionalização destes. Contudo, a partir da referida conferência supracitada, surge uma renovação dos estudos em direção à abordagens mais críticas. Estas abordagens, por certo, refletem a renovação da geografia cultural anglófona, como James Duncan e Denis Cosgrove que refutam a ideia saueriana de cultura como elemento supraorgânico (Duncan, 1980) e dialogam diretamente com o campo dos estudos culturais. O livro decorrente da referida conferência *The Place of Music* trata de expor a perspectiva da coletânea. Se opondo ao tratamento dado pela *music geography* de influência saueriana, como George Carney e Peter Nash, os autores afirmam:

o trabalho geográfico sobre música teve até pouco recentemente uma tendência de restringir-se ao mapeamento de difusão de estilos musicais, ou analisar o imagético geográfico nas letras de canções, trabalhando com um restrito senso de geografia, oferecendo o ângulo de um geógrafo fincado ao chão, ao invés de se perguntar o quanto uma abordagem geográfica pode reconfigurar o próprio chão que pisa. [...] *The Place of Music* apresenta espaço e lugar não como simples locais onde a música é fabricada, ou de onde ela é difundida. Ao invés disso, diferentes espacialidades são sugeridas como formadoras do som. [...] Considerar o lugar da música não é reduzi-la a sua localização, estabelecer um ponto exato no espaço, mas permitir uma abordagem rica em estéticas, culturas, economias e geografias políticas da linguagem musical (LEYSHON, MATLESS, REVILL, 1998, p.4).

Seguindo esta abordagem, a geógrafa singapurense Lily Kong realiza um esforço de pensar uma análise geográfica da música popular, na esteira das discussões de sua tese de doutorado sobre música, políticas culturais, identidade e globalização em Singapura. Kong (1995) afirma que, como interesse geográfico, a música não foi explorada largamente e os estudos publicados até então mantiveram uma distância das questões teóricas e metodológicas da geografia cultural renovada. Ela propõe novos temas de pesquisas como a análise dos significados do espaço, a música como comunicação

cultural, as políticas culturais da música, as economias musicais e a música como construção social das identidades. Em artigos posteriores, Kong (1996, 1997) explora a construção das identidades locais e dos processos de transculturação em Singapura através da música popular, expondo sua tese de que apesar de um mundo com tendências globalizantes, as fronteiras não estão inteiramente apagadas. De fato [...] onde o cruzamento de forças globais é mais forte, a afirmação do local é maior, concomitantemente (1997, p.10).

Analisando atualmente alguns dos principais periódicos de geografia do mundo anglófono, é possível visualizar um fértil panorama dos estudos da música em geografia, com numerosos trabalhos – em muitos dos casos relacionados com a agenda que Kong propusera – tais como Anderson, Morton & Revill (2005), Connel & Gibson (2004), Finn (2009), Hogan (2007), Saldanha (2005) entre outros. Em geral nesses trabalhos, e seguindo a tendência da geografia cultural anglófona, o binômio “*space and place*” continua sendo o mais utilizado, verificando-se também uma forte influência dos estudos culturais; nota-se igualmente um interesse centrado na cidade e suas redes de produção musical, como em Watson (2008), Brandellero & Pfeffer (2011) e Florida & Jackson (2009). Outras coletâneas importantes foram publicadas por Gibson & Connel (2003) e Johansson & Bell (2012). Por fim, os verbetes de música nos dicionários de geografia, como os de Gregory *et al* (2011) e Warf (2006), reconhecem os esforços empreendidos desde a escola saueriana até a renovação da geografia cultural de língua inglesa.

Por sua vez, em língua francesa vemos uma retomada da temática a partir dos anos 1990, depois de um longo hiato desde a discussão iniciada por Gironcourt. Jacques Lévy (1994, 1999) inicialmente indaga sobre as possibilidades teóricas de diálogo entre música e geografia e, posteriormente, analisa os processos sociais e econômicos que contribuíram para a cena de vanguarda musical em Viena ao início do séc. XX, buscando compreender a difusão dessa inovação musical pelo espaço europeu. Romagnan (2000), logo após, advoga pela música como um novo campo de estudos para a geografia. O autor não remonta o interesse até à época de Gironcourt, mas sim aos artigos seminais de Lévy e à abordagem cultural de Paul Claval. Ele defende o diálogo da ciência geográfica com a sociologia da música e a etnomusicologia, e insere a idéia da atividade musical como um *geo-indicador* do território ao abordar temas como política cultural, música e espaço público, sistemas de produção musical, uso dos lugares de práticas musicais e seus significados, entre outros temas. Calenge (2002) direciona a discussão para uma geografia econômica da cultura e redes da indústria cultural, tal como fazem muitos

geógrafos anglófonos. Lamantia (2002) e Goré (2004), refletem sobre a questão territorial, seja pelos efeitos territorializantes das músicas de ambiente, seja pela construção territorial e identitária que música e dança tradicionais realizam. Na sistematização desse campo de estudos, temos Guiu (2006), Raibaud (2008) como os principais articuladores de organização de periódicos, colóquios e coletâneas de artigos. Da mesma forma como na geografia anglófona, a música aparece como verbete em Lévy e Lussault (2013), valorizando as pesquisas realizadas na França até o momento. O interesse da geografia francesa pela música, embora recente, mostra-se bem organizado e têm no território, em suas diversas abordagens, a sua principal categoria de análise geográfica.

Ressalta-se que na temática da música, as geografias de língua inglesa e francesa ainda não estabeleceram um diálogo mais amplo, como já observado por Guiu (2006) e Canova (2013). Contudo, ambas foram aqui agrupadas por refletirem um conjunto bem organizado de trabalhos, eventos e direcionamentos teóricos que sem dúvida se apresentam como referências importantes na temática

Geografia e Música no Brasil: Um Campo Emergente

Completadas três décadas de pesquisa sobre música na Geografia brasileira, acredito ser necessário realizar um novo balanço, ainda que breve e sujeito a revisões. Se até a década passada o número de trabalhos se multiplicava, ainda não era possível visualizar o início de sua institucionalização, que somente ocorreu neste último decênio. As pesquisas realizadas até agora demonstram uma pluralidade de abordagens teóricas que transcendem o próprio campo da geografia cultural. Em termos conceituais, também, encontramos diversidade nas abordagens, ora focando-se na paisagem, ora no lugar, ora no território. Serão expostos nesta seção os trabalhos contidos no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, artigos em periódicos, coletâneas específicas e grupos de trabalho recentes.

Considera-se que João Baptista Ferreira de Mello tenha sido o precursor do tema na geografia brasileira, com sua dissertação defendida na UFRJ em 1991. A partir de autores como David Seamons, Antoine Bailly e Douglas Pocock, Mello (1991) se inspira para interpretar a cidade do Rio de Janeiro sob a ótica de seus compositores, no período de 1928 a 1991, trabalhando na perspectiva da canção como uma literatura musicada.

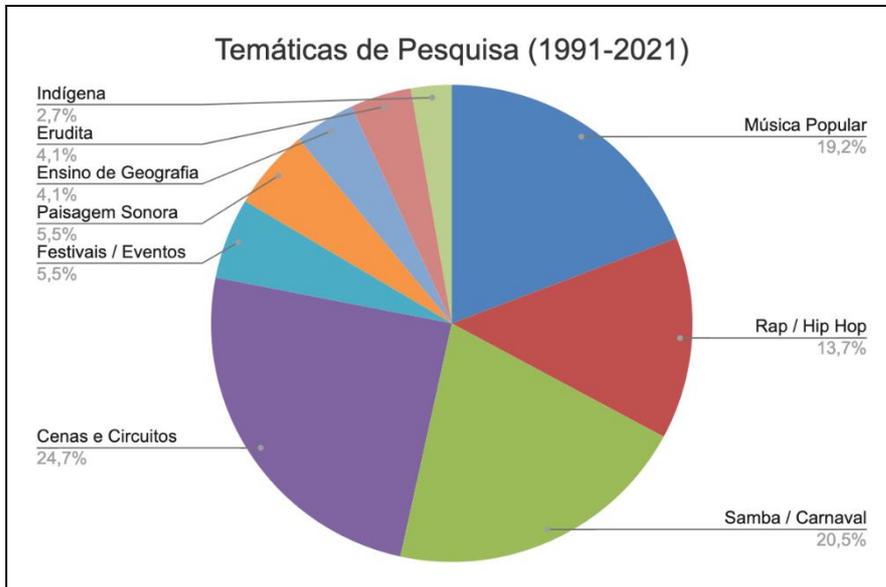
Contudo, somente na década seguinte que a música passará a ser um interesse constante e crescente na Geografia brasileira. Ao inaugurar o campo, Mello orienta teoricamente a perspectiva da geografia humanista, voltada aos indivíduos, simbolismos e subjetividades (Guimarães, 2007; Santos, 2009; Pizotti, 2010; Anjos, 2011). Nesta abordagem temos o espaço vivido, a geograficidade e o lugar como conceitos centrais de análise, e os temas mais tratados orbitam em torno da música popular, do samba e do carnaval.

Além da geografia humanista, visualiza-se também um eixo de abordagens sociais e culturais com uma pluralidade de enfoques. Na presente interpretação chamarei de geografia cultural e social um largo campo de interesses e tratamentos teóricos mais ou menos aproximados, que visualizam a música como um elemento que envolve produção do espaço, uso do território, criação de identidades, territorialidades, regionalidades e representações do espaço. Nesta, vemos análises ora mais ligadas às geografias críticas, ora em direção à geografia cultural renovada de base francesa e anglófona, ou ainda uma combinação de ambas. Os interesses são heterogêneos, porém concentram-se sobretudo em quatro grandes temas a saber. 1) A música popular (Almeida, 2002; Souza, 2011; Tamburo, 2014) e a diversidade dos gêneros regionais brasileiros, como forró (Fernandes, 2001), o maracatu (Santana, 2006), o movimento manguebit (Picchi, 2011), a música caipira (Malaquias, 2019), o fandango paranaense (Torres, 2009), a música missioneira (Barbosa, 2015) entre outros. 2) As cenas e circuitos musicais (Alves, 2014; Diniz, 2015; Panitz, 2017; Stoll, 2018), produtores de redes, fixos e fluxos. 3) O samba e o carnaval (Ferreira, 2002; Dozena, 2009) e suas práticas territorializantes nas metrópoles brasileiras. 4) O rap e o movimento *hip hop* (Xavier, 2005; Oliveira, 2006; Gomes, 2012) produzindo territórios, representações e sociabilidades nos espaços periféricos. Estes quatro temas, conforme o Gráfico 1, perfazem dois terços do total de trabalhos. Além desses, se visualizam pesquisas sobre festivais e eventos musicais, música erudita, música indígena, música no ensino de Geografia e paisagem sonora. Estes são apenas alguns exemplos dentre os mais de setenta trabalhos encontrados até agora.

Com relação aos centros produtores destas pesquisas, vemos uma grande concentração de trabalhos nos programas de pós-graduação em geografia da região sudeste e sul, com destaque aos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná e Rio Grande do Sul, conforme o Gráfico 2. Nota-se, contudo, principalmente nos últimos anos um aumento considerável de pesquisas nas universidades do centro-oeste, norte e

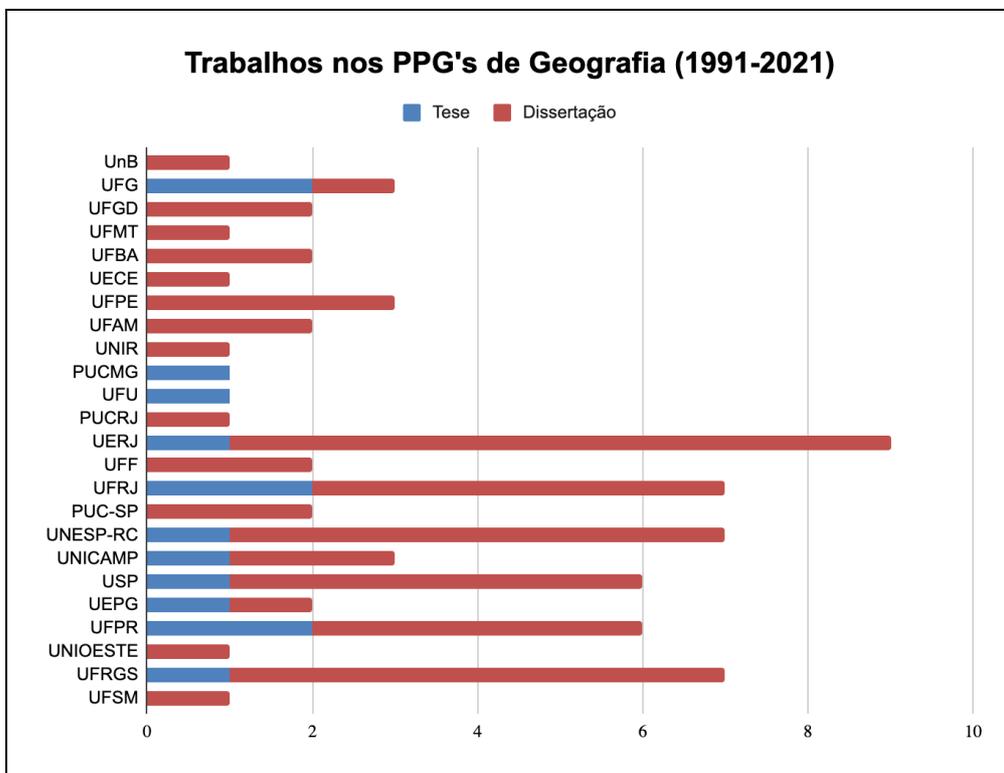
nordeste. Esse espalhamento por todas as regiões brasileiras tem contribuído não só para o alargamento das abordagens teóricas, como também dos gêneros musicais abordados.

Gráfico 1: Temáticas de pesquisa e respectivo percentual.



Fonte: Banco de Teses e Dissertações da CAPES, 2021. Elaboração: Lucas Panitz.

Gráfico 2: Teses e dissertações defendidas nos PPG's de Geografia.



Fonte: Banco de Teses e Dissertações da CAPES, 2021. Elaboração: Lucas Panitz.

Com relação às publicações, comentarei alguns artigos que julgo importante, além daquelas que evidenciam a consolidação da geografia da música como um campo de interesse, principalmente nas coletâneas de artigos e números especiais de revistas. Evangelista (2005) é quem aparece com o primeiro livro publicado sobre o tema, contudo parece ter tido pouco alcance. As coletâneas de geografia cultural editadas por Corrêa e Rosendahl (2007, 2008, 2009) foram aquelas que trouxeram para o público brasileiro importantes traduções e discussões teóricas de relevo. Mais recente, a primeira coletânea dedicada exclusivamente ao tema (Dozena, 2016), teve largo impacto na comunidade acadêmica, seja pelo alcance de sua distribuição, seja pela quantidade de artigos de diferentes regiões e abordagens teóricas. Além disso, o livro inicia com a versão bilíngue de um importante texto do geógrafo francês Dominique Crozat. Por fim, na relação luso-brasileira, é emblemático o recente livro organizado por Azevedo *et al* (2021), focando não só na música, mas também no som e no silêncio. A publicação é fruto não só de pesquisadores de geografia e música, mas de uma rede de geografia cultural que vem se consolidando nos últimos anos entre Brasil e Portugal, com parcerias de publicações e convênios de pesquisa bi-nacionais.

Além disso, os dossiês sobre a temática em periódicos nacionais têm buscado mapear e congregar as pesquisas feitas no país. Dorfman, Heidrich e Panitz (2012), organizaram um número da revista *Para Onde?!* dedicado às geografias da literatura e da música, a partir de um colóquio realizado no mesmo ano. Dozena (2018) apresenta outro dossiê, na revista *Geograficidades*, abordando a música e inserindo a temática dos sons. Da mesma forma fazem Lamego e Reyes (2019) no periódico *Espaço e Cultura*, pioneiro em publicações sobre a temática.

Outro importante indicativo de institucionalização dos estudos na área é o Grupo de Trabalho Geografia, Música e Sons, em atividade desde 2017 nos encontros bienais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisas em Geografia. Com três encontros já realizados, dezenas de trabalhos de mestrado e doutorado puderam ser colocados em diálogo e redes de pesquisadoras/es vem paulatinamente se formando neste âmbito acadêmico. Da mesma forma, o Prêmio CAPES de Teses 2018 (categoria Geografia) que contemplou recente trabalho na área da geografia da música é um indicativo de que a temática vem se consolidando e ganhando espaço na geografia brasileira. Chamamos a atenção, ainda, para o surgimento de pelo menos dois audiovisuais de música com participação ou autoria de geógrafas/os: o filme *A Linha Fria do Horizonte* (2014), que discorre longamente sobre a relação entre a canção

popular, o espaço e a paisagem, na fronteira Argentina - Brasil - Uruguai, além do recente documentário de Julia Andrade (PRIMEIRAS, 2021) sobre a geografia do choro na cidade do Rio de Janeiro. Tais trabalhos mostram uma rica linha de atuação e/ou colaboração da geografia - o audiovisual geomusical, que pode vir a se somar com os diversos documentários etnomusicológicos produzidos no país.

Geografia da Música: Algumas Considerações

Nos países anglófonos, a geografia da música pode ser entendida por dois momentos distintos: a abordagem difusionista da escola saueriana e a renovação crítica, inspirada nos estudos culturais. Na França, por outro lado, mantém-se o olhar sobre o território: a música é um elemento para compreender a identidade territorial, as políticas culturais e as territorializações permanentes ou efêmeras.

No Brasil, contudo, o que se vê é uma pluralidade de abordagens teóricas, interesses e tratamentos metodológicos. Os trabalhos realizados nos últimos trinta anos têm valorizado sobremaneira a diversidade musical do país e suas relações com as identidades geográficas/espaciais, a produção de símbolos e territorialidades, representações dos espaços, poéticas geográficas e dinâmicas do espaço urbano. Se visualizam ao menos três abordagens (ainda que esta enumeração seja apenas expositiva, pois na prática há nuances entre as mesmas). Em um primeiro momento temos a contribuição da geografia humanista, valendo-se largamente da dimensão simbólica do espaço. Em segundo, podemos agrupar abordagens culturais e sociais as quais mantêm a tradição crítica da geografia brasileira nas últimas décadas, utilizando referenciais teóricos da sociologia, antropologia, história cultural e estudos culturais; nestas, utilizam-se não só as letras das canções, mas também se valoriza a perspectiva do som, das práticas musicais, das materialidades, e das redes, circuitos e cenas. Por fim, as abordagens voltadas ao ensino de geografia, tem fornecido elementos para a construção de conceitos geográficos e compreensão das sociabilidades no espaço escolar.

Notamos também a concentração dos trabalhos nas regiões sul e sudeste, que evidenciam as disparidades regionais que se perpetuam em outras áreas da geografia e do conhecimento acadêmico. Contudo, o número de trabalhos do centro-oeste, norte e nordeste, na última década, pode indicar uma nova tendência. As disparidades não são apenas regionais, mas também de gênero. As mulheres respondem apenas por um terço das teses e dissertações defendidas. De igual forma, parece haver pouco interesse, até o

momento, por gêneros populares massificados, como o funk, o sertanejo, o pagode, entre outros. São temas fecundos que permanecem em aberto e cujas análises podem contribuir para o alargamento do conhecimento da realidade territorial do Brasil.

Os trabalhos realizados, contudo, demonstram uma consolidação inequívoca da geografia da música como área temática de estudo na geografia brasileira. Parece haver, entretanto, um espaço a ser ocupado pelas geógrafas/os na esfera pública sobre música e sociedade, sendo necessário um maior esforço do campo no sentido de divulgação dos trabalhos para além do âmbito acadêmico e a produção de obras literárias, fonográficas e audiovisuais voltadas para um público mais amplo e não-especializado, como já têm feito a história, a sociologia e a antropologia.

Levando em conta o conjunto do conhecimento produzido até agora, a geografia tem mostrado uma relevante contribuição no debate sobre a música, seja analisando e compreendendo a sociedade e seu território por meio dos discursos e práticas musicais, seja no desvelamento das formas com que a música se investe no espaço, produzindo geografias concretas e imaginárias, sociabilidades, resistências, cenas e identidades sociais de base espacial. A vitalidade dos estudos sobre música na geografia parece revelar algo ainda pouco discutido nos estudos sobre música das outras ciências humanas e sociais: o espaço geográfico enquanto instância social não é mero repositório de ações humanas, mas um conjunto de ações e objetos (Santos, 2009) que operam indissociadamente, produzindo materialidades e ideias que agem sobre os corpos, a música, a cultura, a sociedade e o próprio espaço.

Agradecimentos

Meu sincero obrigado a todas/os que proporcionaram a conclusão deste artigo, os debates e as colaborações ao longo dos últimos anos. Julia Andrade, André Novaes e Mariana Lamego (UERJ). Ana Angelita da Rocha e Ênio Serra (UFRJ), Alessandro Dozena (UFRN), Cristiano Alves (UEMA), Marcos Torres (UFPR), Anita Loureiro e Adriana Silva (UFRRJ) e demais colegas do NUREG/UFF. Um agradecimento especial para Álvaro Heidrich (UFRGS) e Yves Raibaud (Université Bordeaux). A conclusão deste artigo foi possível graças à bolsa de pós-doutorado do Prêmio CAPES de Teses 2018, realizada sob a supervisão generosa e interessada de Rogério Haesbaert no PPGGEO da Universidade Federal Fluminense, a quem agradeço enormemente. Também à Louis Dupont, pela acolhida para um *séjour* de pesquisa e trabalhos de campo no âmbito do laboratório Espace, Nature et Cultures da Université Paris-Sorbonne. Por fim, dedico este artigo à memória de dois grandes geógrafos, colegas e amigos da UERJ, partidos precocemente: Gilmar Mascarenhas de Jesus e João Baptista Ferreira de Mello, que deixam um grande legado nos estudos sobre a música, as cidades e o esporte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Julia. 2001 **Território e Cultura: uma problemática para a política dos Incentivos Fiscais e o Marketing Cultural**. Dissertação de Mestrado defendido no Departamento de Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo sob orientação da Profa. Dra Maria Adélia Aparecida de Souza.

ANDRADE, Julia 2019 Seguindo as pegadas do Animal: o choro através do livro de Alexandre Gonçalves Pinto. *Anais do SIGEOLITERARTE* 2019 <https://redeentremeio.com.br/assets/system-data/artigos-publicos/2ccf478e400d40378f914ab8f14c1248.pdf>

RAGÃO, Pedro **O baú do Animal: Alexandre Gonçalves Pinto e o Choro** – Rio de Janeiro: Folha Seca, 2013.

AUTRAN, Margarida. “Renascimento” e descaracterização do choro In: **Anos 70: ainda sob a tempestade**. NOVAES, Adalto (org). – Rio de Janeiro: Aeroplano: Editora SENAC Rio, 2005

AZEVEDO, Ana Francisca Geografia e Música: a tocadora da roda de Giacometti In AZEVEDO, FURLANETTO e DUARTE (org) **Geografias Culturais da Música**. Guimarães, Portugal, 2018

CARNEY, George. Musica e Lugar. In **Literatura, música e espaço** CORREA e ROSENDAHL (org) – Rio de Janeiro; Ed Uerj, 2007

CARRILHO, M e CARVALHO, Anna Paes **Enciclopédia Ilustrada do Choro no século XIX**. Mimeo s.n 2005.

COSTA, Pablo e DOZENA, Alessandro. **Espaços do choro em Natal – RN: um olhar geográfico**. Revista Espacialidades (on line), 2012, v.5, n.4 ISSN 1984-817x

CROZAT, Dominique Jogos e Ambiguidades da construção musical das identidades espaciais. In DOZENA, Alessandro (org.) **Geografia e Música: diálogos** Natal: EDUFRN, 2019

DOZENA, Alessandro (org.) **Geografia e Música: diálogos** Natal: EDUFRN, 2019

NEVES, Margarida de Souza. **Brasil, acertais vossos ponteiros**. Rio de Janeiro. Museu de Astronomia, 1991.

PANITZ, Lucas. Práticas Musicais, representações e transterritorialidades em rede entre Argentina, Brasil e Uruguai IN DOZENA, Alessandro (org) **Geografia e Música: diálogos** Natal: EDUFRN, 2019

PINTO, Alexandre Gonçalves. **O Choro: reminiscências dos chorões antigos**. Edição comentada. Rio de Janeiro: Acari Records, 2014.

RODRIGUES, Antônio Edmilson. “Em algum lugar do passado: cultura e história na cidade do Rio de Janeiro”. In: AZEVEDO, André Nunes de. **Rio de Janeiro: capita; e capitalidade** Rio de Janeiro: Departamento Cultural/UERJ, 2002.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. – São Paulo, Rio de Janeiro: Editora Record, 2000

SANTOS, Milton **Por uma geografia cidadã: Por uma epistemologia da Existência** In Boletim Gaúcho de Geografia, 21 agosto de 1996.

SILVA, Mauro Osório da; VERSIANI, Maria Helena. *História da Capitalidade do Rio de Janeiro*, Cadernos do Desenvolvimento Fluminense, Rio de Janeiro, n 7. 2015

TINHORÃO, José Ramos *Cultura Popular: temas e questões*. - São Paulo: Ed 34, 2001.

TINHORÃO, José Ramos *História Social da Música Popular Brasileira*. São Paulo: Ed 34, 1990.

VASCONCELOS, Ary *Carinhoso etc: história e inventário do choro*. Editora do autor, 1984